

Meditações: VI domingo do Tempo Comum (Ciclo C)

Reflexão para meditar no VI domingo do Tempo Comum (Ciclo C). Os temas propostos são: as Bem-Aventuranças dão um sentido novo à nossa vida; a alegria tem raízes em forma de cruz; as bem-aventuranças convidam-nos à confiança.

- As Bem-Aventuranças dão um sentido novo à nossa vida.
- A alegria tem raízes em forma de cruz.
- As bem-aventuranças convidam-nos à confiança.

CRISTO detém-se numa vasta planície, onde há lugar para muitas pessoas provenientes de toda a Judeia, de Jerusalém e até da costa de Tiro e Sidónia. À volta do Senhor, cria-se uma atmosfera de admiração; todos haviam acorrido ali para O ver e ouvir. E Jesus não deixa indiferente nenhum dos presentes: «Bem-aventurados vós, os pobres, porque é vosso o reino de Deus – começa a dizer – Bem-aventurados vós, que agora tendes fome, porque sereis saciados. Bem-aventurados vós, que agora chorais, porque haveis de rir. Bem-aventurados sereis, quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem e insultarem e proscreverem o vosso nome como infame, por causa do Filho do homem. Alegrai-vos e exultai nesse dia, porque é grande no Céu a vossa recompensa» (Lc 6, 20-23).

Este passo das bem-aventuranças permite-nos constatar que Deus não está longe de nós, nem sequer na dor, na fome, no sofrimento, na perseguição... a sua proximidade «é o antídoto contra o medo de enfrentar a vida sozinho. Com efeito o Senhor, através da sua Palavra, *con-sola*, isto é, permanece *com* quem está só.

Falando connosco, lembra-nos que estamos no Seu coração»^[1]. A Palavra de Deus, que é sempre eloquente e interpela, fá-lo de modo especial nos momentos de fraqueza ou de injustiça. Mais ainda: permite-nos acolher a realidade de um modo novo em que sempre vemos possibilidade de semear o bem.

Com o passar dos séculos, todo o discurso que então proferiu e que está registado nas Escrituras, continua a mudar a vida de muitas pessoas. «As Bem-Aventuranças constituem um novo programa de vida, para nos libertarmos dos falsos

valores do mundo e nos abrirmos aos bens verdadeiros, presentes e futuros»^[2]. Vindos d'Aquele que é a vida, estes ensinamentos são os únicos que satisfazem plenamente o desejo de autenticidade e verdade dos nossos corações.

NESTE DISCURSO de Jesus, vislumbramos um misterioso itinerário de vida que nos promete uma felicidade plena: é o próprio Filho de Deus que nos oferece alegria e regozijo. É um caminho cujo objetivo é maior do que o que podem oferecer outros projetos, muitas vezes igualmente bons, mas que não satisfazem as profundezas da nossa alma. «A bem-aventurança prometida coloca-nos perante as opções morais decisivas – diz o Catecismo da Igreja Católica –. Convida-nos a purificar o nosso

coração (...) e a procurar o amor de Deus acima de tudo. E ensina-nos que a verdadeira felicidade não reside nem na riqueza ou no bem-estar, nem na glória humana ou no poder, nem em qualquer obra humana, por útil que seja, como as ciências, as técnicas e as artes, nem em qualquer criatura, mas só em Deus, fonte de todo o bem e de todo o amor»^[3].

Numa ocasião, um professor perguntou a S. Josemaria como orientar os seus alunos para a verdadeira liberdade. O fundador do Opus Dei recordou precisamente as bem-aventuranças: «Sei que ensinas aos alunos que a liberdade foi conquistada para nós por Cristo na Cruz – começou por dizer –; que Ele subiu ao patíbulo da Cruz pelo nosso amor, para conquistar a liberdade; que a libertação não é libertação da dor, das contradições, das calúnias, da difamação da pobreza (...). Não se

revolta contra a pobreza, aceita-a; não se revolta contra o trabalho, aceita-o; não se revolta contra a autoridade, aceita-a; não se revolta contra a doença, aceita-a; não se revolta contra os pais, aceita-os e ama-os; nem contra os professores, que fazem um trabalho paterno e materno»^[4].

Mas esta aceitação não é uma atitude de abnegação passiva, como a de quem que se conforma com algo que não comprehende; pelo contrário, é uma aceitação de alguém que, com a confiança de que Deus Pai está misteriosamente por detrás de todas essas situações, enquanto não as pode remediar, as abraça com a serenidade com que Jesus abraçou a cruz para nos salvar a todos. A felicidade que as bem-aventuranças propõem tem as suas raízes em forma da cruz^[5].

«A CERTEZA do amor de Deus levá-nos a confiar na Sua providência paterna, mesmo nos momentos mais difíceis da existência. Sta. Teresa de Jesus expressa admiravelmente esta plena confiança em Deus Pai providente, mesmo no meio da adversidade: “Nada te perturbe, nada te espante; tudo passa. Deus não muda. A paciência tudo alcança. Quem a Deus tem, nada lhe falta: Só Deus basta” (*Poemas*, 30). A Escritura oferece-nos um exemplo eloquente de total entrega a Deus, quando narra que Abraão maturara a decisão de sacrificar o filho Isaac. Na realidade, Deus não queria a morte do filho, mas a fé do pai. E Abraão demonstra-a plenamente, pois quando Isaac lhe pergunta onde está o cordeiro do holocausto, ousa responder-lhe que “Deus providenciará” (Gn 22, 8). E, justamente, logo depois ele experimentará a benévola providência de Deus, que salva o

jovem e lhe recompensa a fé, cumulando-o de bênçãos»^[6].

O Catecismo da Igreja diz-nos que confiar em Deus, acreditar n'Ele, «é um ato autenticamente humano. Não é contrário nem à liberdade, nem à inteligência do homem confiar em Deus e aderir às verdades por Ele reveladas. Mesmo nas relações humanas, não é contrário à nossa própria dignidade acreditar no que outras pessoas nos dizem acerca de si próprias e das suas intenções, e confiar nas suas promessas (...). É ainda menos contrário à nossa dignidade prestar, pela fé, submissão plena da nossa inteligência e da nossa vontade a Deus revelador e entrar assim em comunhão íntima com Ele»^[7]. As bem-aventuranças convidam-nos a esta confiança e comunhão com a vida de Cristo. Como contrapartida, oferecem-nos a vida eterna e a possibilidade de Jesus viver em nós, já nesta terra. As bem-

aventuranças já estão inauguradas na vida da Virgem Maria e de todos os santos; acompanham-nos no nosso caminho.

[1] Francisco, Homilia, 24/01/2021.

[2] Bento XVI, Angelus, 30/01/2011.

[3] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 1723.

[4] S. Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 02/07/1974.

[5] cf. S. Josemaria, *Forja*, n. 28.

[6] S. João Paulo II, Audiência, 24/03/1999.

[7] *Catecismo da Igreja Católica*, n. 154.

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/meditation/
meditacoes-vi-domingo-do-tempo-
comum-ciclo-c/](https://opusdei.org/pt-pt/meditation/meditacoes-vi-domingo-do-tempo-comum-ciclo-c/) (18/01/2026)